

Formação de professores em um mundo em mudança: relato de viagem

Ida Mara Freire¹

Introdução

Italo Calvino escreveu “como ainda hoje para nós cada viagem, pequena ou grande, sempre é uma Odisséia”. Formar professores em um mundo em mudança, desafia-nos a partir, porém como Ulisses devemos estar atentos, se não quisermos esquecer de repente... “Esquecer o quê? A guerra de Tróia? O assédio? O cavalo? Não: a casa, a rota da navegação, o objetivo da viagem.” Ou seja, o retorno.²

Esta viagem consistiu na realização de um intercâmbio envolvendo professores e pesquisadores brasileiros e ingleses, das Universidades Federal de Santa Catarina e de Nottingham³, respectivamente. Este texto relatará a minha experiência, tendo como eixo a formação de professores e os alunos com necessidades educacionais especiais.

O período da viagem foi de 08 de outubro a 1º de Novembro de 2000. Na Inglaterra, (Nottingham, Exeter e Londres) as atividades transcorreram de 09 a 23, na

¹ Professora do Centro Ciências da Educação – UFSC, Pedagoga, Mestre em Educação, Doutora em Psicologia.

² Italo Calvino (1998). Por que ler os clássicos. São Paulo, Companhia das Letras.

³ Projeto de Cooperação Internacional CAPES/BRITISH COUNCIL – intitulado: Educação continuada — formação de educadores (as) em um mundo em mudança. Coordenação Dra. Maria Célia Marcondes de Moraes e Dra. Janet Hannah

Espanha (Barcelona) de 23 a 30. A seguir relatarei as aprendizagens, as experiências e o reconhecimento de algumas trajetórias ...

Sempre aprendi muito com as viagens... Pesquisando sobre o diferente, o estranho, o inadaptado, dentre outros, ao viajar, sou sujeito, observo-me na diferença cultural, na fala e na escuta das línguas, fico atenta à comunicação não-verbal. Na TV identifico os conflitos sócio-econômico e culturais. No metrô de Londres vivo uma experiência multicultural. No concerto de Jonh Holt e a Royal Philharmonic Concert Orchestra no Apollo Hammersmith testemunho juntamente com amigos um evento marcante, pois era pela primeira vez que esta Filarmônica se apresentava num local reconhecidamente freqüentado pela comunidade negra, que pelos trajes pareciam fazer questão de homenagear sua ancestralidade, seu modo de ser, sua identidade social: era um *glamour*. Meu pensamento reafirmava: a frase do movimento negro nas décadas de 60 e 70 – **Black is beautiful**. A experiência se completou, com uma lição de igualdade. Muito diferente do Pelorinho, onde também eu era uma entre tantos ali, que testemunhava o que o Gilberto Gil e Caetano Veloso cantam:

*Quando você for convidado para subir na adro/
da fundação da casa de Jorge Amado para ver
do alto a fila de soldados, quase todos pretos/
dando porrada na nuca de malandros pretos/
de ladrões mulatos e outros quase brancos/
tratados como pretos/ só para mostrar aos outros
quase pretos/ (e são quase todos pretos)/ e aos
quase brancos pobres como pretos/ como é que
pretos, pobres e mulatos/ e quase brancos qua-
se pretos de tão pobres são tratados.*

*E não importa se os olhos do mundo inteiro/
possam estar por um momento voltados para o
largo/ onde os escravos eram castigados/ e hoje
um batuque um batuque/ com a pureza de me-
ninos uniformizados de escola secundária/ em
dia de parada/ e a grandeza épica de um povo
em formação/ nos atrai, nos deslumbra e esti-
mula. Não importa nada: nem o traço do sobra-
do/nem a lente do Fantástico, nem o disco de
Paul Simon "Ninguém, ninguém é cidadão".*

Diante destas duas realidades tão distantes tanto geográfico como democraticamente, posso me iludir com os cantos das sereias, ao considerar que “tudo depende de pensar por si próprio”. Bem diz Hannah Arendt ao escrever sobre a vida de Rahel⁴: “A razão pode libertar dos preconceitos do passado e orientar o futuro de uma pessoa. Infelizmente, é óbvio que isso não basta. (...) O indivíduo libertado desse modo, sempre colide

com um mundo, uma sociedade cujo passado tem poder na forma de “preconceitos”, onde é forçado a aprender que a realidade passada também é uma realidade. Arendt exemplifica: Ter nascido judia podia significar para Rahel meramente algo do passado remoto, podia ter sido inteiramente erradicado de seu pensamento; como preconceito nas mentes de outros, porém, o fato continua sendo uma desagradável realidade presente.”

Ao escrever esta citação lembrei-me que durante a viagem tive a oportunidade de ser convidada para jantar nas casas de alguns colegas, em uma destas ocasiões, a família tinha cachorros que estavam excitados para fazer a sua caminhada habitual, até então estávamos na cozinha, conversando e os anfitriões preparavam o jantar. Após a chegada da caminhada, os cachorros continuavam manifestando excitação, desta vez, para entrar na casa, passados alguns momentos, uma das pessoas comentou amistosamente sobre a reação dos cachorros e o fato de que pela primeira vez, eles estavam recebendo uma pessoa da raça negra em sua casa. Embora, os acontecimentos seguissem como deveriam ser naquela noite... fiquei, fazendo meu exercício de “pensar por si próprio”, sobre esse singular episódio..

“Como tornar o presente inefetivo? Como ampliar tão enormemente a liberdade humana que esta não mais colida com quaisquer limites; como isolar tanto o pensar por si próprio que o indivíduo pensante não precise mais quebrar a cabeça contra o muro de nenhuma realidade “irracional”? Como dominar o acontecimento definitivo, como se este fôra a possibilidade livre do amanhã?” indaga Arendt⁵.

Apresentação do Trabalho

A primeira atividade realizada na Universidade de Nottingham, na Faculdade de Educação Continuada, foi a apresentação da pesquisa: **O belo e o movimento: um estudo sobre dança-educação para pessoas não-visuais**. A audiência se compôs de professores e alunos do curso de pós-graduação. Após exposição oral e apresentação do vídeo, foram levantadas pelos participantes indagações referentes à performance dos alunos não-visuais; a caracterização do trabalho como “community dance”; questões relacionadas as causas da cegueira; bem como a produção do vídeo. Para encerrar o coordenador do seminário solicitou que apresentasse alguns pontos relevantes para aquela audiência de professores em formação a respeito do trabalho com pessoas com necessidades educacionais especiais. A resposta a estas questões, me possibilitaram a formular um problema que delimitou as observações, os contatos e as experiências ocorridas durante a viagem de estudo.

Como estas experiências poderiam contribuir para a formação do professor?

⁴ Hannah Arendt (1994) Rahel Varnhagem: judia alemã na época do romantismo. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

⁵ Arendt, op. cit. pg. 20.

Construindo Uma Universidade Antiracista

O encontro com a professora Mal Leicester, membro do corpo docente da Universidade de Nottingham, caracterizou numa interessante constatação de abordagem teórica sobre as necessidades especiais. Ao apresentar seus artigos e livros relacionados ao tema, identifiquei as semelhanças entre as categorias de análise que temos utilizado em nosso estudo sobre o tema “igualdade de oportunidades”. Este reconhecimento possibilitou uma rica discussão, quando tive a oportunidade de participar de uma de suas aulas onde ela desenvolveu um trabalho com o grupo de alunos da pós-graduação, uma atividade comparativa sobre a construção de uma universidade antiracista. Após uma exposição e discussão sobre os conceitos: racismo, preconceito, estereótipos, os participantes dividiram-se em grupos. Discutiram e esboçaram as características de três modelos de universidade, uma racista, outra relativamente racista e uma antiracista. O debate foi muito rico, principalmente por que no grupo havia muitos alunos pertencentes a grupos sociais distintos. Notei então que os conflitos que evidenciava no transcorrer da minha estada ali na Inglaterra, tomava corpo e fala naquele contexto de sala de aula. Aquela sociedade criava suas próprias dinâmicas para resolver seus dilemas, a educação e a formação de professores faziam parte destas.

Práticas Pedagógicas e Serviços

Derby College for Deaf People

No hall da entrada principal do Derby College, encontramos um grupo de quatro adolescentes numa intensa e alegre conversação na linguagem de sinais. Muito a vontade, nos cumprimentamos, e enquanto aguardávamos a direção do colégio, notei que continuava sendo o tema da conversa deles... sorri... interagindo assim naquela comunicação não-verbal. A atmosfera era tranqüila, o ambiente limpo, a pintura harmoniosa, os móveis, as xícaras que nos serviram o chá, o “frescor”, não parecia que estávamos num dos locais pioneiros de educação da população surda na Grã Bretanha. A visita às instalações confirmavam a viabilidade das promessas apresentadas no prospecto em relação aos serviços oferecidos pelo colégio que garantia a aprendizagem dos alunos. Dentre estes suportes educacionais estão o acesso à educação de acordo com as necessidades exatas de cada estudante, preparação vocacional; apoio na integração e programa envolvendo tutores. Me chamou a atenção a sala de ensino de linguagem de sinais, havia aproximadamente oito cabinas, cada uma com um monitor e uma câmara de vídeo, uma central da qual a professora recebia as imagens de

cada aluno, e enviava-lhe a resposta referente ao sinal que tinha sido emitido anteriormente.

Desta visita ficou também a impressão de um novo campo que se abre para formação profissional nesta área. Muitas possibilidades de empregos são oferecidas, o que me pareceu uma área bastante promissora foi a de comunicação, atuando como interpretes da linguagem de sinais; treinamentos em leitura labial, anotações utilizando *laptops*, interpretes para pessoa surda-cega; dentre outros.

Portland Colledge

Uma outra experiência que me deixou de um lado muito satisfeita pela qualidade de serviço e de outro indagando como aquela estrutura poderia ser aproveitada por outros serviços destinados às pessoas com necessidades educacionais especiais, se refere ao **Portland Colledge**. Com a missão de maximizar a capacidade e minimizar a incapacidade provendo uma escada de oportunidades num ambiente residencial para independência individual através trabalho, educação e formação; autonomia e integração. O Portland Colledge é um colégio residencial para pessoas com deficiências físicas e dificuldades de aprendizagem oriundas de várias partes do Reino Unido. Sendo um dos únicos do país que tem estas características, educando e formando aproximadamente 300 estudantes da idade de 16 a 60 anos de idade. O colégio sendo residencial, busca prover um ambiente de cuidado 24 horas no qual os estudantes podem desenvolver totalmente seus potenciais, tornar-se independente, ganhar auto-estima e preparar para um emprego ou ocupação significativa. Após sermos apresentados para o diretor da instituição este nos acompanhou mostrando-nos as instalações, e apresentando-nos aos estudantes e funcionários. Em cada unidade percebia as pessoas realizando um trabalho que as dignificavam, a começar, por exemplo, com os locais de trabalho e a ocupação, era difícil identificar, a primeira vista e até mesmo após algumas palavras, quem era a pessoa com necessidades especiais e o funcionário; pela roupa e a postura não era possível, pelos papéis desempenhados, a não ser que a pessoa fosse o coordenador, todos se mostravam muito a vontade e confiante naquilo que estavam fazendo ou aprendendo. As ocupações consistiam em construção, manutenção e testagem de programas para computadores. Conversando com alguns estudantes e residentes informalmente, era notável que eles estavam muito satisfeitos com a vida que estavam construindo ali.

No diálogo com o diretor da instituição e os funcionários, indaguei como eles se posicionavam frente ao programa nacional de inclusão, paradoxalmente toda aquela estrutura estava situado bem afastada da cidade e com pouco contato com a comunidade local, além de o diretor sempre lembrar que uma significativa parte dos recursos

eram provenientes de doações de caridade. Obviamente, a minha pergunta não pareceu muito propícia para a ocasião, porém, o que eu estava buscando entender é uma questão que me faço a muito, trabalhando na formação de professores na área da educação especial. Ou seja: Qual é o papel que instituições de educação especial desempenham na inclusão das pessoas com necessidades educacionais especiais na sociedade? Esclarecendo a minha intenção, argüi novamente o diretor do colégio, expondo a seguinte reflexão: Minha pergunta principal, quando visito uma instituição seja ela regular ou especial, que tenha entre seus alunos estudantes com necessidades educacionais especiais integrados, é se estas pessoas estão felizes ali ou não. Confesso, por mais adversa que seja a situação, este critério tem me feito apostar na manutenção destes estudantes no ensino regular, por perceber, durante algumas supervisões de estágio, o quanto alguns deles sentem-se desafiados e empenhados a dar conta de viver nesta realidade. No entanto, Portland Colledge, não me pareceu muito preocupado com esta temática, embora, com a reação das pessoas diante da minha imperfeita indagação, percebi que talvez eu tenha tocado no “calcanhar de Aquiles”. O diretor então falou que havia três perspectivas sobre a inclusão no país: a do Currículo Nacional que é totalmente favorável, a dos pesquisadores que apresentam tanto as possibilidades e os limites da inclusão e os outros que dizem que a inclusão é uma falácia. Diante de tal colocação, cometei que a Inglaterra estava apresentando um painel que acaba refletindo em outras partes do mundo, mas que eu voltava a minha questão inicial, desta vez mais a “queima-roupa”, esclareci que a minha dúvida, não deveria ser, primeiramente interpretada como crítica à instituição, pois eu não tinha dúvida da qualidade de trabalho que ele desenvolvia ali e que muitas das pessoas que ali encontrei pareciam muito bem com seu estilo de vida. Mas, quantas pessoas poderiam ser beneficiadas se ele abrisse suas portas para formar professores e outros profissionais, fizesse parceria com as escolas que tivesse alunos integrados. Terminei utilizando uma metáfora: “sua instituição é como uma linda rosa dentro de uma redoma.” Sorrimos... “Ah, os brasileiros tem um senso de humor diferente do nosso...” Comentou o diretor, mais tarde, aliviado...

University of Nottingham – Study Support Centre

Há um setor na Universidade de Nottingham vinculado a pró-reitoria de ensino e reconhecida como “Study Support Centre”, esta unidade tem como objetivo oferecer apoio, seja prático, acadêmico ou pessoal para qualquer estudante que os procura; desenvolver serviços-chaves de apoio ao estudante com dificuldades específicas de aprendizagem; desenvolver apoio para estudantes com deficiência, tanto na referida unidade como no ambiente sala de aula e para os seus respectivos professores; e proporcionar maior consciência so-

bre as “deficiências” para os professores. O trabalho se estrutura com atendimento individual, em sessões de pequenos grupos, cursos de curta duração e algum trabalho a distância. Os dias que passei nesta unidade, foram muito proveitosos, tive a oportunidade de acompanhar o contato da coordenadora da unidade com estudantes de pós-graduação que são contratados e treinados para serem tutores de estudantes com necessidades educacionais especiais incluídos no terceiro grau. Também participei de uma sessão individual com um estudante com dificuldade de aprendizagem. Durante esta sessão tive a oportunidade de perceber como a profissional, diga-se de passagem, com uma vasta experiência na educação especial, estimulava o estudante a resolver seus problemas tanto os acadêmicos como os pessoais, por exemplo, este estava pretendendo fazer uma viagem à Londres no final de semana, ela indagava como ele estava se preparando para realizar, se tinha comprado a passagem, os horários, se voltaria no mesmo dia ou não. A medida que ia perguntando, se verificava que tinha sido feito e o que necessitaria ainda fazer. Há de salientar que as oito pessoas que trabalhavam neste centro tinham, em sua maioria, tempo integral; porém estavam vinculados à Faculdade de Educação, com titulações em mestrado e doutorado. A infraestrutura, também era impecável, além do equipamento específico para atender as pessoas com deficiência visual ou auditiva, cada profissional tinha a sua própria sala com computador e outros materiais.

Drama, Dança e Artes Visuais

O final da viagem consistiu em atividades de caráter artístico-cultural, artes para as pessoas com necessidades educacionais especiais. Primeiramente foi o grupo de aproximadamente 15 jovens e adultos, ali no Centro Comunitário da pequena cidade, próxima a Nottingham, encenando por algumas horas, assumindo personagens bem distintos de suas vidas “reais”. Carole East, professora do Study Support Centre, me apresentou, em seguida estávamos todos sentados formando um grande círculo, com um gesto e trocando nossa identidade, nome e profissão, nos introduzimos ao teatro. Nas horas que passei ali, percebi como estas atividades poderiam revelar leveza, alegria, disposição, inteligência, agilidade, raciocínio rápido; resolução de problemas naqueles que estavam ali como atores. E em suas vidas escolares, suponho, ou talvez com uma infeliz certeza, que muitas vezes lhes passaram o texto para que estes interpretassem papéis cujos personagens tinham dificuldades de aprendizagem.

No reencontro com a Linda Rolfe, da Universidade de Exeter, dentre outras atividades, mostrei o vídeo “O belo, o movimento, caminhar sozinho...”, sobre dança-educação para pessoas não-visuais, discutimos um

pouco a reação das diferentes audiências quando assistem o vídeo. Comentei um pouco sobre a apresentação do trabalho em Nottingham, e concordamos que a inserção deste grupo de pessoas no contexto da dança possibilita a construção de novos conhecimentos sobre o corpo que dança.

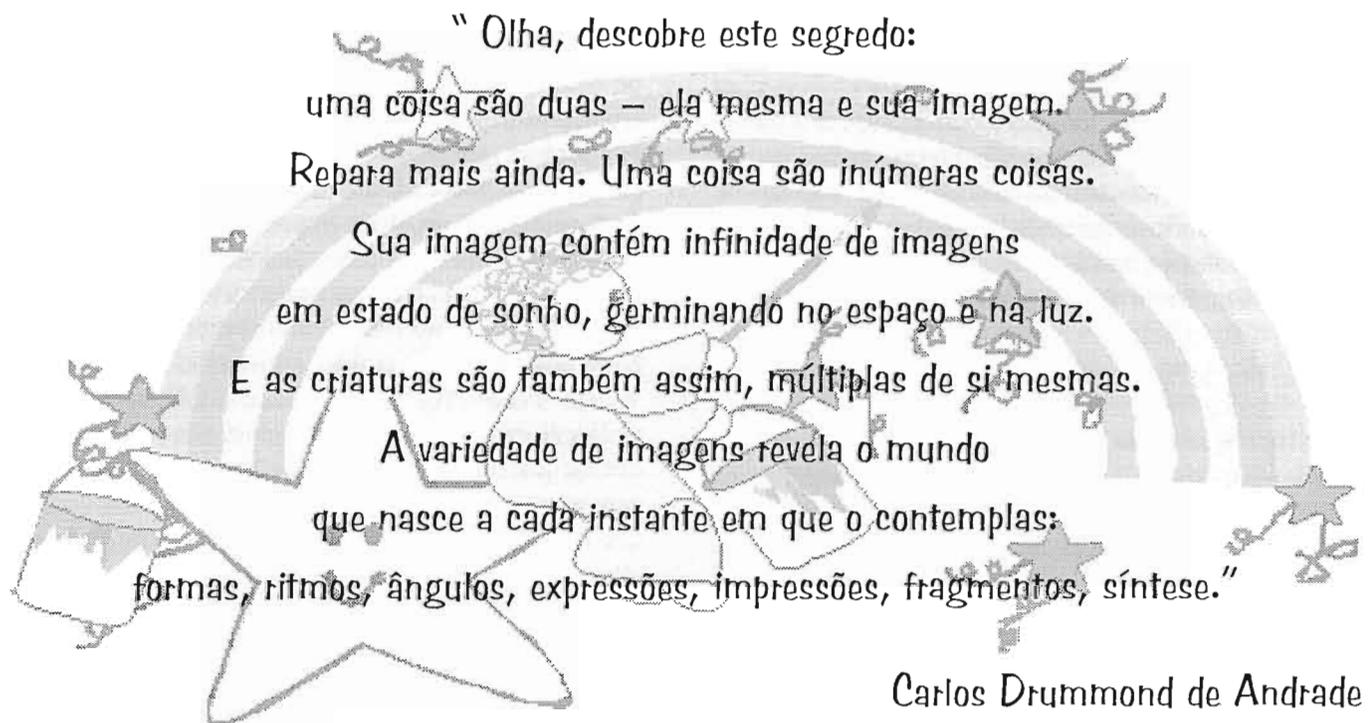
Que corpo é este? Foi o que perguntei quando saí da Hayward Gallery, após visitar a exibição intitulada *Spectacular bodies*, *Corpos espetaculares a arte e a ciência do corpo humano de Leonardo da Vinci até os dias atuais...* Dividido em seis sessões: I. Homens no trabalho: referente as primeiras aulas de anatomia realizadas publicamente, apresentados em sua maioria em pinturas; II. A máquina divina: a representação do corpo humano em terceira dimensão; III. A vida interior, focaliza a imagem da mulher, gravidez, nascimento e órgãos reprodutivos; IV. Desenhos da vida; dentre outros destaca as ilustrações para livros médicos; V. Humores e temperamentos: mostram as expressões faciais em desenhos e esculturas e VI. Loucura e Maldade, nesta sessão encontramos algumas instalações contemporâneas, dentre elas *Hysteira* da artista americana Bethy B.

Para encerrar esta viagem, encontrei-me com a professora Rosa Gratacos da Universidade Autônoma de Barcelona, onde trocamos nossas experiências relacionadas à estética do cego. O trabalho de Rosa Gratacos me despertou um significativo interesse: Como professora da disciplina “A estética do Cego”, no Programa de Pós-Graduação em Artes Plásticas em Barcelona,

seu trabalho tem sido desenvolvido por meio do contato que ela proporciona aos alunos e pesquisadores, tendo como conteúdo de suas aulas a percepção dos cegos em Museus de Artes Plásticas. Durante essas visitas, grupos de estudantes, nos quais são incluídas também pessoas cegas, vão tecendo comentários sobre as obras, aquelas que não vêem, têm acesso às esculturas a partir do toque, essa experiência tem contribuído para que Gratacos desenvolva vários trabalhos vinculando o ensino e a pesquisa.

Ao concluir este relatório, creio que temos que ampliar nossos sentidos ao propor a formação de professores em um mundo em mudança, de sociedades multiculturais, exigindo serviços de qualidades, novos campos de trabalho; para corpos em co-evolução. Para terminar retorno ao Calvino, ou melhor, a Ulisses: “é aqui que o autor da *Odisséia* manifesta, segundo Heubecj, sua verdadeira modernidade, aquela que o torna próximo e atual: se tradicionalmente o herói épico era um paradigma de virtudes aristocráticas e militares, Ulisses é tudo isso e ainda mais, é homem que suporta as experiências mais duras, as fadigas, a dor e a solidão. Certamente ele arrasta seu público a um mítico mundo de sonho, mas esse mundo de sonho se torna simultaneamente a imagem especular do mundo real em que vivemos, no qual dominam necessidades e angústia, terror e dores e no qual o homem se acha imerso sem escapatória.”⁶ Eis o sonho, eis a realidade de um mundo em mudança... e de professores em formação.

⁶ Calvino, *op. cit.* p. 24.



Carlos Drummond de Andrade